



# O PARCEIRO-SINTOMA: UMA LEITURA À LUZ DO GOZO FEMININO<sup>1</sup>

LA PAREJA-SÍNTOMA: UNA LECTURA A LA LUZ DEL GOCE FEMENINO

THE PARTNER-SYMP TOM:  
A READING IN THE LIGHT OF FEMININE *JOUISSANCE*

Marcela Alves Pereira Valle<sup>2</sup>

---

**RESUMO:** O presente artigo tem como objetivo investigar as colocações elaboradas pela psicanálise relativas ao parceiro-sintoma de uma mulher e a sua relação com o gozo feminino, através de uma leitura de Lacan e de Miller. Para isso, discute-se a respeito das posições propostas por Lacan na tábua de sexuação. Uma vez que não há a relação sexual, o falasser (*parlêtre*) tem que encontrar saídas sintomáticas através do gozo fálico e do gozo feminino, para o real da não-relação sexual. Para tanto, interpela-se o conceito de parceiro-sintoma, demonstrando a possibilidade de haver um parceiro da fantasia que se apresenta na posição masculina através do gozo fálico, e de um parceiro-devastação que está relacionado à demanda de amor de uma mulher em direção ao significante da falta no Outro, que pode retornar sob forma de devastação.

**PALAVRAS-CHAVE:** Psicanálise; Lacan; Parceiro-sintoma; Gozo feminino; Devastação

**RESUMEN:** Este artículo tiene como objetivo investigar las afirmaciones del psicoanálisis sobre la pareja-sintoma de una mujer y su relación con el goce femenino, a través de una lectura de Lacan y Miller. Para eso, se discute sobre las posiciones propuestas por Lacan en la fórmula de sexucción, ya que no existe relación sexual, el hablante debe encontrar soluciones sintomáticas, a través del goce fálico y del goce femenino, para lo real del la no-relacion. Para eso, se cuestiona el concepto de pareja-sintoma, demostrando la posibilidad de la pareja de la fantasía que se presenta en la posición masculina, a través del goce fálico, y de una pareja-devastación, que se relaciona con la demanda de amor de una mujer hacia el significante de la falta en el Otro, pudiendo regresar en forma de devastación.

**PALABRAS CLAVE:** Psicoanálisis; Lacan; Pareja-síntoma; Goce femenino; Devastación

**ABSTRACT:** This article aims to investigate the statements made by psychoanalysis regarding the woman's partner-symptom and their relation to the female *jouissance*, through a reading of Lacan and Miller. For this, it is discussed about the positions proposed by Lacan in the sexuation formulas, since there is no sexual relationship, the speech being (*parlêtre*) must find symptomatic solutions, through phallic *jouissance* and female *jouissance*, to the real of non-sexual relation. Ultimately, this article approaches the concept of partner-symptom, with the possibility of the partner fantasy who presents himself in the male position, through phallic *jouissance*, and of a partner-devastation, which is related to the demand of women's love towards to the significant of the lack in the Other, being able to return in the form of devastation.

**KEYWORDS:** Psychoanalysis; Lacan; Partner-symptom; Female *jouissance*; Devastation.

---

<sup>1</sup> Trabalho orientado pelo Prof. Dr. Luís Flávio Silva Couto.

<sup>2</sup> Graduada em Psicologia pela PUC Minas. marcelavalle01@gmail.com

## 1 INTRODUÇÃO

O presente artigo busca elucidar a relação entre os seres falantes, ou melhor, de uma mulher com o seu sintoma, tendo em vista as parcerias que ela pode estabelecer, bem como sua afinidade com o gozo feminino e com a devastação. Através dos estudos acerca do gozo feminino, é possível abarcar as questões da feminilidade que estão para além do gozo fálico e que se apresentam na clínica sob a forma de algo inominável, algo que uma mulher pode experimentar, mas, do qual nada consegue dizer.

A partir dos estudos de Lacan e de Miller que discorrem a respeito do parceiro-sintoma d’A mulher, é possível compreender as diversas formas através das quais ela pode constituir uma série de parcerias que podem culminar em um parceiro-sintoma. Para tal, é imprescindível diferenciar as formas de gozo fálico e de gozo propriamente feminino, que Lacan nomeia como Outro gozo, e sua relação com o feminino e a devastação. Assim, reconhecer as posições do falasser (*parlêtre*), conceito proposto por Lacan para sinalizar que o corpo é marcado pelo significante e que, a partir daí, deixa de ser um corpo biológico para se tornar um corpo enquanto ser falante ou falasser. O ser falante se dispõe de uma posição subjetiva em relação ao Outro na busca de uma relação sexual que, na realidade, não existe, mas que aponta que o sintoma, enquanto necessário, é o que não cessa de se escrever. (LACAN, 1971-72/2012)

Para Lacan, não existe “A mulher” capaz de fazer exceção a uma regra, e nem um conjunto de mulheres, uma vez que se faz necessária a exceção para que se possa constituir um conjunto. Como não há a exceção feminina, não existe nem A mulher nem o conjunto de mulheres, devido à ausência de um significante que as defina, como será explicado ao longo do texto. Isto posto, pode-se dizer que o presente trabalho busca elucidar as contribuições da psicanálise em relação ao gozo fálico, ao gozo feminino e A mulher não-toda.

Visando atender aos objetivos propostos, foi desenvolvido um estudo bibliográfico, no intuito de compreender, a partir das elaborações trazidas pelos teóricos de psicanálise, quais as possibilidades de constituição do parceiro-sintoma, através do método de pesquisa qualitativa teórico conceitual. Trata-se de uma pesquisa de cunho exploratório, que buscou proporcionar maior domínio e familiaridade com os conceitos de gozo fálico, gozo feminino, parceiro-sintoma e devastação.

## 2 A MULHER E SUAS FORMAS DE GOZO

Ao explanar sobre o gozo em *O Seminário livro 20, mais, ainda*, Lacan coloca o conceito de gozo de forma oposta ao conceito de satisfação. O autor utiliza o conceito de

usufruto, que vem do direito e significa que o ser falante pode gozar de seus meios, mas não se pode enxovalhá-los. Isso quer dizer de repartir, de distribuir e de retribuir o que diz respeito do gozo.

Contudo, para se gozar de alguma coisa é preciso usar dela até o abuso, ou seja, o gozo é “aquilo que não serve para nada” (LACAN, 1972-73/2008, p. 11). O gozo sexual, enquanto essa instância negativa que não se reduz ao princípio do prazer, uma vez que não está apenas no campo da satisfação, sofre de uma limitação, pois depende do significante: “[...] é com efeito o significante que introduz a dimensão sexual no ser humano” (ANDRÉ, 1986, p. 212).

Assim sendo, Miller (2012) em seu texto *Seis paradigmas do gozo*, aponta que no Seminário 20 Lacan apresenta o paradigma da não-relação sexual, uma vez que há uma disjunção dos conceitos e, dessa forma, aponta que a relação sexual não existe. “[...] a disjunção do significante e do significado, a disjunção do gozo e do Outro, a disjunção do homem e da mulher sob a forma de: A relação sexual não existe” (MILLER, 2012, p. 39). Diante disso, todos os termos que tentavam assegurar a conjunção dessa relação, como o Outro, o Nome-do-Pai, o falo, se apresentam em forma de disjunção.

Miller (2015) aponta que é preciso um corpo para que exista o gozo. O significante pode ter dois efeitos no corpo, o de mortificação e de mais-de-gozar.

Então, a conversão da perspectiva que é necessário enfrentarmos é que o essencial não é o que o significante tenha um efeito de mortificação sobre o corpo é causa de gozo, é que o significante é causa de gozo, é que o significante tem uma incidência de gozo sobre o corpo. É isso que Lacan chama de sintoma. De uma certa maneira, isso vem no mesmo lugar do que ele chama fantasia, exceto que a fantasia supõe a distinção radical entre a ordem do significante e a ordem do gozo. (Miller, 2015, p. 85).

Assim sendo, ao citar o último ensino de Lacan, o autor reitera que o significante se refere ao corpo e essa referência se apresenta sob maneiras de gozo. Nesse contexto, Lacan explana que o gozo tem sua distribuição binária, em que o falasser se posiciona na partilha dos sexos. O autor aponta que a partir das formas de sexuação, pode-se considerar dois tipos de gozo. Para isso ele propõe a tábua das fórmulas quânticas da sexuação, que separa a posição masculina, o gozo sexual ou gozo fálico, da posição feminina, gozo feminino ou o Outro gozo e sinaliza: “quem quer que seja o ser falante se inscreve de um lado ou de outro” (LACAN, 1972-73/2008, p. 85) Ou seja, existem duas formas de gozo que nada tem a ver com a diferença anatômica dos sexos.

## 2.1 O gozo fálico

Lacan em *mais, ainda*, afirma sobre o gozo masculino, ou seja, o gozo fálico, “o que concerne ao gozo enquanto sexual” (LACAN, 1972-73/2008, p. 15). O gozo sexual não é algo que já se apresenta no falasser, mas ele se dá pelo significante, uma organização de significantes em que dentro dessa organização falta um significante, esse significante que falta é o que daria conta do sexo feminino como tal. No inconsciente, o Outro sexuado não existe, temos como significante da sexuação o falo, assim, o gozo sexual se articula com o significante fálico e impossibilita que se goze de um ser feminino (ANDRÉ, 1986).

Essa forma de gozo é o que impossibilita o ser falante, em sua posição masculina, de gozar do corpo de uma mulher, pois o que se goza, no gozo fálico, é do gozo do órgão. Lacan aponta, então, que o superego é quem goza, pois, ele “é correlato da castração, que é o signo com que se paramenta a confissão de que o gozo do Outro, do corpo do Outro, só se promove pela infinitude” (LACAN, 1972-73/2008, p. 14). Isso significa que, como não se pode gozar do corpo de uma mulher, o gozo que se pode alcançar é o gozo do órgão, o que evidencia a castração.

Assim como, Collete Soler aponta que “o gozo fálico, como gozo do Um, é gozo localizado, limitado e fora do corpo” (SOLER, 2005, p. 36). Dessa forma, ele está em sintonia com o significante, de forma fragmentada, por isso se torna parceiro do falasser. É o gozo que provém da castração, que funda o imperativo de gozo do superego com sua falta-a-gozar. Assim, o ser falante goza solitariamente com o Um, uma vez que está gozando do seu próprio órgão.

Por isso, ao fazer as primeiras pontuações sobre o gozo em *Subversão do sujeito e a dialética do desejo no inconsciente* nos *Escritos*, Lacan (1966/1998) coloca que é graças à castração que o sujeito é capaz de gozar no registro do gozo sexual, pois “A castração significa que é preciso que o gozo seja recusado, para que possa ser atingido na escala invertida da Lei do desejo” (LACAN, 1966/1998, p. 841). Dessa forma, segundo André (1986), Lacan inverte o que Freud pontuou em seu texto *Totem e Tabu*, que indicava que somente o pai da horda primitiva poderia gozar, já que possuía todas as mulheres, não sendo, portanto, castrado.

Assim sendo, do lado esquerdo da tábua da sexuação, que contempla a posição masculina, parece haver uma contradição que nada tem de contraditório. Quando Lacan coloca que existe um sujeito para quem a função fálica não funciona e que para todo falasser a função fálica vai funcionar, ele demonstra a relação entre a regra e a exceção, na qual a exceção confirma a regra e lhe dá seu fundamento. Segundo André (1986), essa questão é que dá conta

do mito freudiano *Totem e Tabu*, pois, o único que escapa à castração é o pai primitivo que poderia gozar de todas as mulheres, contanto que todos os outros sejam submetidos à castração.

O gozo que Lacan colocou como sexual propriamente dito, não é o gozo que Freud atribuiu ao pai primitivo, esse é o gozo do ser, o gozo feminino. Por isso, a necessidade de distinguir os dois tipos de gozos. O gozo sexual, tem como efeito interditar o ser falante, portanto, sua relação com a castração. Falta ali um significante, o que tentaria dar conta do sexo feminino, “Só há um significante da sexuação: o falo” (ANDRÉ, 1986, p. 214). Tal significante funda, a partir da castração, a divisão do gozo, assumindo uma dupla função: de um lado ele proíbe o gozo ao passo que do outro lado, ele o possibilita.

Gozar de um corpo aponta a identificação, deixando exposta a questão do que faz o Um. O Um só se dá através do significante, pois há uma hiância entre esse Um e algo que se prende ao gozo, que se prende ao ser, a algo do corpo. O que se apresenta nesse intervalo é o que Lacan chama de objeto a, um resto. É no desejo, ou seja, nesse resto, que demonstra sua impossibilidade de fazer Um, é que o amor aparece. “O amor é impotente, ainda que seja recíproco, porque ele ignora que é apenas o desejo de ser Um, o que nos conduz ao impossível de estabelecer a relação dos dois sexos” (LACAN, 1972-73/2008, p. 13).

Nesse sentido, é possível considerar enquanto homem aquele ser falante que se encontra inteiramente submetido à função fálica. Por isso, a castração é seu destino, assim como o gozo fálico, ao qual ele tem acesso por intermédio da fantasia. Em contrapartida, pode ser considerado como mulher, o falasser Outro que não está todo submetido ao regime do gozo fálico e ao qual cabe um outro gozo, suplementar, ponto que será melhor trabalhado a seguir. Assim, há uma escolha que se impõe: de um lado, tem-se a possibilidade de um ser vivo submetido à lógica da sexuação, ao passo que do outro, o falasser encontra-se não todo submetido à lógica sexuada (SOLER, 2005).

## 2.2 O gozo feminino, ou Outro gozo

Na lição *VII Letra de uma carta de amor*, da obra *mais, ainda*, Lacan discorre sobre a mulher e o uso inapropriado do artigo a, uma vez que uma mulher é não-toda inserida na lógica fálica, então esse artigo só existiria se fosse barrado ( $\bar{A}$ ). O autor se questiona em que consiste o gozo feminino “na medida em que ele não está todo ocupado com o homem, e mesmo, eu diria que, enquanto tal, não se ocupa dele de modo algum” (LACAN, 1972-73/2008, p. 94). Assim, a partir da tábua da sexuação, segundo a perspectiva lacaniana, há, também, a posição feminina, que ele aponta ser uma forma de gozo que está não-toda inserida na lógica fálica.

Dessa forma, Lacan vai barrar o artigo *a*, pois nenhuma mulher está fora da castração, uma vez que lhe falta a exceção, assim como lhe falta a regra. Não existe um grupo fechado de mulheres, “não há um conjunto fechado que se atribua uma lei comum desse lado” (ANDRÉ, 1986, p. 221). Ademais, as mulheres não são senão um conjunto aberto, devendo ser contadas uma a uma, por isso a frase de Lacan “Não há A mulher” (LACAN, 1972-73/2008, p. 79).

Segundo Brousse (2012), a sexualidade humana é perpassada pela linguagem, ou seja, responde à universalidade humana da castração independentemente do biológico. Pode-se assim dizer que essa universalidade é o funcionamento fálico. No entanto, o feminino não condiz com tal lógica, isto é, a de que um conjunto poderia ser definido a partir de uma exceção. Diante disso, nada pode se afirmar de universal relacionado ao feminino, de somente a partir da lógica fálica está no campo do universal, que supõe um outro gozo que a ultrapassa.

O falasser que goza dessa forma diferente experimenta um gozo fora-da-linguagem, se comparado ao gozo fálico que está na linguagem. Esse Outro gozo é um gozo suplementar, que só pode aparecer a partir da castração. “Não é porque ela é não-toda na função fálica que ela deixa de estar nela de todo. Ela não está lá não de todo. Ela está lá à toda. Mas há algo a mais” (LACAN, 1972-73/2008, p. 80). Esse algo a mais só aparece devido à castração; é preciso passar por ela para poder estar para além dela, para além do falo.

Ao descrever o ser falante que se alinha do lado das mulheres, Lacan aponta que “isto se dá a partir de que ele se funda por ser não-todo e se situar na função fálica”. Por isso, é preciso que esse artigo *a*, o que designa o universal, seja barrado, *A*, pois há nas mulheres uma essência que não é toda. “Esse *a* artigo é um significante do qual é próprio ser o único que não pode significar nada, e somente por fundar o estatuto d'a mulher no que ela não é toda. O que não nos permite falar de A mulher” (LACAN, 1972-73/2008, p. 79). Por isso, Lacan barra o *A* que representa *a* mulher, uma vez que não existe essa universalidade, existe *A* mulher, enquanto *A* barrado e não-toda.

Uma mulher só existe enquanto excluída da natureza das palavras, isto é, pela natureza da linguagem. Isso quer dizer que há algo delas e do gozo feminino que elas não sabem dizer. O que Lacan pontua é a diferença entre ele e as mulheres, “elas não sabem o que dizem” (LACAN, 1972-73/2008, p. 99). Mas isso se dá justamente pela sua questão infinita e sem palavras que é proveniente do gozo feminino e suplementar que elas não conseguem expressar na linguagem. É precisamente por ela ser não-toda, que ela tem, em relação ao que designa de gozo a função fálica, um gozo suplementar, ou Outro gozo. É não-toda e barrada, uma vez que ao se dividir, ao se direcionar ao falo, direciona-se, também, ao  $S(A)$ .

Dessa forma, Lacan (1972-73/2008) propõe que se escreva um corte no  $\bar{A}$ , pois esse Outro está em um lugar que está em relação com uma metade. Desse que representa  $\bar{A}$  mulher barrada nada se pode dizer, pois nada pode ser dito sobre uma mulher. O  $\bar{A}$  da parte inferior da tábua demonstra a função não-toda da mulher, uma vez que o  $\bar{A}$  tem relação com o significante do Outro barrado  $S(\bar{A})$  e com o  $\Phi$ . Assim, há uma ambiguidade no estatuto do Outro, nesse lugar em que o Outro contém um significante,  $S(\bar{A})$ , que significa que ele não tem tudo, ele é barrado e nem de tudo se pode dizer. Dessa forma, a feminilidade demonstra que há um furo nesse Outro simbólico a partir de sua relação com o  $S(\bar{A})$ .

### 3 A RELAÇÃO SEXUAL QUE NÃO EXISTE

Ao discorrer sobre *O Seminário, mais ainda*, Miller (2012) aponta que o gozo se dá a partir do gozo Um. Isso significa que a relação sexual é impossível, uma vez que não se pode gozar do corpo do Outro. Por isso, Lacan sinaliza: “eu defini a relação sexual como aquilo que não pára de não se escrever. Aí há impossibilidade” (LACAN, 1972-73/2008, p. 198). A esse respeito, Miller (2012) comenta o seguinte:

É sobre esse fundamento que se justifica a proposição: a relação sexual não existe, é a partir daí que ela se torna, de algum modo, inevitável. A relação sexual não existe quer dizer que o gozo provém, como tal, do regime do Um, que ele é o gozo Uno, ao passo que o gozo sexual, o gozo do corpo do Outro sexo, possui esse privilégio de ser especificado por um impasse, quer dizer, por uma disjunção e por uma não-relação. É o que permite a Lacan dizer que o gozo não convém à relação sexual. O gozo como tal é Uno, ele provém do Um e não estabelece, por ele mesmo, relação com o Outro. A relação sexual não existe quer dizer que, no fundo, o gozo é idiota e solitário. (MILLER, 2012, p. 47).

Em sua primeira lição de *O Seminário Livro 20*, intitulada *Do Gozo*, Lacan afirma que “O Gozo do Outro, do Outro com  $\bar{A}$  maiúsculo, do corpo do Outro que o simboliza, não é o signo do amor” (LACAN, 1972-73/2008, p. 11). Esse gozo do Outro, do corpo do Outro, não é signo de amor, pois o amor demanda o amor. Ele demanda cada vez mais e mais, ainda. “*Mais, ainda*, é o nome próprio dessa falha de onde, no Outro, parte a demanda de amor” (LACAN, 1972-73/2008, p. 12). Portanto, o autor questiona se é possível, de forma não necessária e insuficiente, o falasser responder pelo gozo do corpo do Outro. Assim, Lacan (1972/2003) aponta em seu texto *O Aturdido*:

O não há relação sexual não implica que não haja relação com o sexo. É justamente isso que a castração demonstra, porém não mais: ou seja, que essa relação com o sexo

não seja distinta em cada metade, pelo fato mesmo de separá-las. (LACAN, 1972/2003, p. 464).

Diante disso, esse Um que os seres falantes procuram na relação sexual, só se sustenta pelo fundamento do significante: “a hiância que há entre esse Um e algo que se prende ao ser e, por trás do ser, ao gozo” (LACAN, 1972-73/2008, p. 13). Assim, a possibilidade da relação se dá com o significante a partir da identificação e da busca de gozar de um corpo, o que expõe a questão do que faz o Um, ou melhor, não o faz.

O mesmo acontece com o amor. Não há uma potência própria do amor, por mais que ele seja recíproco. O seu desejo é ser Um. Lacan (1972-73/2008) sinaliza a impossibilidade da frase dita por casais *nós dois somos um*. Esse Um não se constitui, uma vez que dois não podem ser um. “É daí que parte a ideia do amor. É verdadeiramente a maneira mais grosseira de dar à relação sexual, a esse termo que manifestamente escapa, o seu significado” (LACAN, 1972-73/2008, p. 52).

Contudo, o que sustenta esse lugar do amor é um resto, o que impossibilita o estabelecimento da relação entre os sexos. Como expõe Lacan:

O que faz aguentar-se a imagem, é um resto. A análise demonstra que o amor, em sua essência, é narcísico, e denuncia que a substância do pretenseo objetual- papo furado - é de fato o que, no desejo, é resto, isto é, sua causa, e esteio de sua insatisfação, se não de sua impossibilidade. (LACAN, 1972-73/2008, p. 13).

Nesse sentido, na relação entre os seres falantes há sempre o Um mais a, pois há uma inadequação dos dois termos, da relação do Um com o Outro. É na medida em que os dois termos formam Um mais a, que se crê numa saída. No entanto, o que Lacan aponta em relação a esta identificação é que “Entre dois, quaisquer que eles sejam, há sempre Um e Outro, o Um e o a minúsculo, e o Outro não poderia, em nenhum caso, ser tomado por um Um” (LACAN, 1972-73/2008, p. 55). Escancarando, assim, uma disjunção entre os seres falantes.

Dessa forma, o famoso aforismo lacaniano apontado em *O Aturdido em Outros Escritos* “não há a relação sexual” (LACAN, 1972/2003, p. 454), se justifica pela impossibilidade da relação entre os seres falantes, uma vez que eles são marcados pelos significantes e pelas palavras, mas buscam incessantemente unir e formar um só, ou seja, fazer a relação sexual existir.

### 3.1 O idiota e *a* fantasia

Lacan aponta que há uma impossibilidade de se gozar do corpo de uma mulher, uma vez que ela é não-toda fálica. O gozo fálico é o que impossibilita o ser falante, situado do lado masculino, de gozar do corpo de uma mulher, pois ele goza, do gozo do órgão, o gozo do idiota. Em razão disso, Lacan enuncia que não há e que é impossível a relação sexual. “O gozo, enquanto sexual é fálico, quer dizer, ele não se relaciona ao Outro como tal” (LACAN, 1972-73/2008, p. 16). O ser sexuado das mulheres não-todas não perpassa pelo corpo, mas pela linguagem, algo extracorpo, o que faz com que o Outro, o ser sexuado, busque *uma a uma*: “[...] o homem só pode abordar a mulher uma a uma, em sua particularidade” (EULÁLIO, 2018, p. 105).

Dessa forma, Lacan aponta que “Não há relação sexual porque o gozo do Outro, tomado como corpo, é sempre inadequado - perverso de um lado, no que o Outro se reduz ao objeto *a* - e do outro, eu direi louco, enigmático” (LACAN, 1972-73/2008, p. 155). Por isso, o ser falante que se coloca do lado masculino vai se relacionar com a fantasia da existência de uma mulher que o complementaria enquanto *a*. Em contrapartida, o ser falante que se posiciona do lado feminino da tábua se relaciona com o  $S(A)$  e com o falo.

Assim sendo, em sua obra, *O Seminário, livro 20*, Lacan (1972-73/2008) assinala que quem se posiciona do lado esquerdo da tábua da sexuação e, portanto, se relaciona com o objeto *a*, isto é, o \$, ser falante barrado, se direciona ao objeto *a*, localizado do lado direito inferior do quadro. “O que se viu, mas apenas do lado do homem, foi que aquilo com o que ele tem a ver é com o objeto *a*, e que toda a sua realização quanto à relação sexual termina em fantasia” (LACAN, 1972-73/2008, p. 92).

Nesse sentido, na parte inferior da tábua da sexuação, Lacan (1972-73/2008) representa, do lado esquerdo, o sujeito barrado \$ e o falo  $\Phi$ , sendo que este último é o significante encarnado como  $S1$ , de modo que nele não há significado. Entretanto, tal significante dá suporte ao sujeito do inconsciente, de modo que se apresenta como significante privilegiado. O \$, por sua vez, diz respeito ao sujeito dividido, que se relaciona com o objeto *a*, localizado do outro lado da tábua. Por isso, há uma única seta que sai do lado esquerdo inferior e que vai até o lado direito, simbolizando uma fantasia de completude.

Segundo Eulálio (2018), a fantasia é uma forma de articular o sujeito da linguagem e uma mulher, que representa o objeto de sua fantasia. Isto posto, é a partir desse objeto *a* que uma mulher poderá ser causa de desejo para um falasser posicionado do lado masculino da partilha dos sexos. Por exemplo, ao desejar uma parte específica do corpo dela. Assim, “A

flecha que sai de  $\$$  em direção ao objeto  $a$ , inscrito do outro lado da barra, indica que o homem só tem acesso à mulher por intermédio dela ser a causa de seu desejo” (EULÁLIO, 2018. p. 96). Impossibilitando, assim, a complementariedade entre os sexos.

Em *Os seis paradigmas do gozo*, Miller (2012) menciona uma das versões do gozo, o gozo uno, o gozo do idiota, que se apresenta centralizado na parte fálica do corpo e que faz possível no gozo do próprio corpo, por se tratar de um gozo masturbatório. “Esse gozo fálico é definido por ele [Lacan] como gozo do idiota, do solitário, um gozo que se estabelece na não-relação com o Outro” (MILLER, 2012, p. 44). Em sua obra *O osso de uma análise*, o autor também comenta sobre o gozo autoerótico:

[...]o gozo se produz no corpo do Um através do corpo do Outro. Isso quer dizer que, em um certo sentido, esse gozo é sempre autoerótico, sempre autístico, como já disse mas, ao mesmo tempo, é sempre aloerótico, quer dizer que ele sempre inclui o Outro, e é preciso manter sempre esses dois aspectos juntos, a não ser que se queira se perder nessa via. Tomemos o próprio modelo do gozo autoerótico, a masturbação, na qual o órgão em questão é identificável. Podemos dizer que ela é autoerótica, mas devemos dizer que ela se produz com o sentimento de fora-do-corpo, como Lacan sublinhou, e é aí que o corpo próprio se revela, ele mesmo, o como corpo do Outro, no momento do gozo. (MILLER, 2015, p.92).

Ainda no tocante ao gozo do idiota, a partir da perspectiva lacaniana, Eulálio (2018) reitera que tal forma de gozo é autoerótica e alo-erótica devido ao sentimento de exterioridade que se produz. Assim, há uma parceria com o falo, a partir da vertente da masturbação, mas há também a questão do próprio corpo, que faz relação com o corpo do Outro quando goza. “Nesse sentido, é compreensível que o homem goze na solidão” (EULÁLIO, 2018. p. 105).

### **3.2 Não-toda em sua duplicidade: uma mulher não-toda.**

Se do lado do masculino a relação se dá com o objeto  $a$ , isto é, com a fantasia, do lado direito, da mulher, “é de outra coisa que não do objeto  $a$  que se trata no que vem em suplência a essa relação sexual que não há” (LACAN, 1972-73/2008, p. 69). Uma mulher apresenta uma relação suplementar com o gozo fálico, o que faz com que na tábua da sexuação existam duas flechas que saem do  $\mathcal{A}$ , representante da mulher barrada. Uma das flechas vai em direção ao  $S(\mathcal{A})$ , o significante da falta no Outro, ao passo que a outra vai em direção ao falo, assim representado:  $\Phi$ .

Desta maneira, segundo Lacan (1972-73/2008), o falasser que se situa do lado direito da tábua se duplica: “A mulher tem relação com  $S(\mathcal{A})$ , e já é nisso que ela se duplica, que ela não é toda, pois, por outro lado, ela pode ter relação com  $\Phi$ ” (LACAN, 1972-73/2008, p. 87).

Isso acontece porque as flechas que saem da mulher se direcionam ao falo simbólico, situado do lado masculino, e ao significante da falta no Outro, localizado do lado feminino.

Dessa forma, Soler explana “no que concerne à mulher, dilacerada entre o significante do falo ( $\Phi$ ) e o da falta no Outro  $S(A)$ , o parceiro não é o objeto  $a$ ” (SOLER, 2005, p. 54). Em função disso, é possível dizer que uma mulher não goza do objeto  $a$ , não é um gozo do próprio corpo, há uma exterioridade que não permite a unidade do corpo e faz do Outro  $S(A)$  o seu objeto.

De acordo com Eulálio (2018), para uma mulher, quando o seu parceiro faz o semblante de  $S(A)$ , não se trata unicamente de um sintoma. Nessa relação, aparece o infinito do gozo feminino, que pode aparecer sob a forma da devastação: “A demanda de amor, em seu caráter potencialmente infinito, retorna ao falasser feminino [...] que se dirige ao parceiro, e se dirige pela demanda de amor, que é potencialmente infinita, e que retorna ao parceiro feminino sob a forma da devastação” (MILLER, 2015, p. 98-99). Ainda sobre a demanda de amor, segundo a teoria lacaniana, Miller (2015) aponta o seguinte:

Do lado feminino, o falasser impõe ao parceiro uma forma distinta, em função, precisamente, de ilimitação do gozo. Para aproximá-lo, pensemos no papel central da demanda de amor na sexualidade feminina. A demanda de amor desempenha, na sexualidade feminina, um papel incomparável ao do lado masculino. A demanda de amor comporta, em si mesma, um caráter absoluto e uma visada ao infinito, que é manifestada no fato de que o Todo não está formado, o Todo não faz o Um, e isso se abre para o infinito, além de tudo o que se pode trocar de material, tudo o que se oferece como prova. É uma demanda que incide sobre o ser do parceiro, e é isso que desnuda sua forma erotomaníaca – que o Outro me ame. (MILLER, 2015, p. 95).

Dessa forma, é possível sinalizar que o falasser que se situa do lado feminino goza de um gozo infinito. Assim, a demanda de amor exerce um importante papel, qual seja, demandar incessantemente, em busca do infinito, uma vez que não é possível fazer Um. Portanto, o falasser que se posiciona do lado feminino vai em direção ao significante da falta no Outro, a partir dessa demanda de amor, e assim demanda que o Outro a ame, de uma forma particular, por meio de uma vertente erotomaníaca.

### 3.3 amuro, o amor tenta fazer suplência

Em sua primeira lição do *O Seminário, livro 20*, Lacan (1972-73/2008) pontua que a falha no Outro advém de sua demanda de amor e da impossibilidade de gozar do corpo do Outro. Considerando que o amor faz signo e é recíproco, no que diz respeito ao sentimento, o autor desenvolve o *amuro* para representar o muro que existe entre o falasser situado do lado

homem e o que se situa do lado mulher. Este muro demonstra, justamente, a inexistência dessa relação. Por isso, o autor aponta: “para endereçá-los, não me resta mais senão lhes falar de amor” (LACAN, 1972-73/2008, p. 87).

Desse modo, Lacan (1972-73/2008) situa o amor enquanto aquilo que tenta fazer suplência à inexistência da relação sexual: “o amor visa ao ser, isto é, aquilo que, na linguagem, mais escapa - o ser que, por um pouco mais, ia ser, ou, o ser que, justamente por ser, fez surpresa” (LACAN, 1972-73/2008, p. 45). O amor, assim como a linguagem, é aquilo que funciona como suplência para uma ausência, nesse caso, a ausência da relação sexual. A ideia que sustenta o amor é a de que dois podem ser um, na tentativa de dar um significado à relação sexual. Vejamos:

Na medida em que o inconsciente está implicado, há duas vertentes fornecidas pela estrutura, ou seja, de linguagem. A vertente do sentido, daquele que se acreditaria ser o da análise, que nos despeja sentido aos borbotões para o barco sexual. É surpreendente que esse sentido se reduza ao não-sentido: ao não-sentido da relação sexual, que é patente desde sempre nos ditos amorosos. (LACAN, 1972/2003, p. 512).

Assim sendo, o amor não restringe à questão infinita do gozo feminino. O que limita o gozo feminino é justamente o gozo fálico, não o amor. Mas esse amor pode se tornar uma devastação para uma mulher quando ela, a partir do não-todo, se coloca em relação direta com o S(A) e se coloca na posição de objeto para o Outro. Por isso, o caráter erotômico do gozo feminino em que uma mulher direciona a sua demanda de amor ao Outro barrado. Essa demanda de amor na sexualidade feminina, segundo Miller (2015), é sem comparação com lado masculino, pois a demanda de amor em si tem um caráter absoluto que visa ao infinito e se manifesta no fato de que o todo não está formado; ele não faz o Um, e isso abre espaço ao infinito.

Trata-se, portanto, de uma demanda que incide sobre o parceiro e desnuda a forma erotomaniaca que demanda que o Outro a ame. “Quer dizer que o amor, para ela, é tecido no gozo, e é preciso, fundamentalmente, que o parceiro seja A, aquele ao qual falta alguma coisa, e que essa falta faz falar, lhe faz falar” (MILLER, 2015, p.94). E, ao apontar a questão do amor e das formas de parceria, Lacan define o amor como uma forma de encontro, no parceiro, de um sintoma, uma vez que não existe a relação sexual.

## 4 CONSIDERAÇÕES SOBRE O PARCEIRO SINTOMA

Ao explicar sobre o sintoma, em seu livro *O osso de uma análise*, Miller (2015), estabelece o conceito de *Parteneire-sintoma*, o parceiro-sintoma, que se funda através do gozo e não de um significante sexual. A relação do parceiro supõe que o Outro se torne o seu meio de gozo, ou seja, um sintoma para o falasser. Isso significa que o Outro como meio de gozo refere-se, inicialmente, a um gozo do saber inconsciente, do investimento libidinal, do significante e do significado. Além disso, diz respeito a um modo de gozar do corpo do Outro; mas o corpo do Outro é tanto o próprio corpo, como um outro corpo. O autor propõe então uma nova definição de Outro a partir do parceiro-sintoma: “É o outro definido como meio de gozo” (MILLER, 2015, p. 91), sendo tanto meio de gozo, quanto lugar de significante.

Desta forma, diante da impossibilidade do falasser de encontrar no Outro o seu parceiro fundamental, o que se apresenta é o próprio gozo. Tendo em vista essa condição, Miller (2015) propõe duas formas de parceria para os seres falantes: o parceiro-sintoma do falasser situado do lado masculino, que aparece sob a forma fetichista, e o parceiro-sintoma do lado feminino, caracterizado pela vertente erotomaníaca de amor.

### 4.1 Objeto *a* enquanto parceiro

Do lado masculino, o parceiro-sintoma do falasser se manifesta de forma fetichista, uma vez que ele busca em uma mulher algo do objeto *a*. Tal ideia pode ser explicada a partir da tábua da sexuação, na qual o \$, do lado esquerdo, se dirige ao *a*, do lado direito, sob a forma de uma fantasia de completude, que coloca o parceiro como causa de desejo. Em *O Seminário, mais, ainda*, Lacan (1972-73/2008) elucida a forma de parceria que se estabelece do lado masculino:

Esse \$ assim duplicado desse significante do qual em suma ele nem mesmo depende, esse \$ só tem a ver, enquanto parceiro, com o objeto *a* inscrito do outro lado da barra. Só lhe é dado atingir seu parceiro sexual, que é o Outro, por intermédio disto, de ele ser a causa de seu desejo. A este título, como o indica alhures em meus gráficos a conjunção apontada desse \$ e desse *a*, isto não é outra coisa senão fantasia. (LACAN, 1972-73/2008, p. 86).

Eulálio (2018) reitera que quando um falasser, situado do lado masculino, se dirige ao lado feminino, o que se apresenta é *À* mulher, uma vez que a *A* mulher não existe; não havendo, portanto, possibilidade do encontro entre eles. Dessa forma, o homem coloca uma mulher no

lugar de causa de desejo à medida em que, a partir de pequenos detalhes, a fantasia se manifesta e o falasser consegue extrair o objeto *a* do corpo de uma mulher.

Assim, o falasser busca esse parceiro do gozo na expectativa de que seja possível recobrir a castração; ele espera que esse gozo possa se reencontrar no Outro sob a forma de objeto *a*. Ou seja, é a castração que dá esperança ao sujeito de que o gozo possa se tornar seu parceiro, ao buscar esse complemento no Outro. No entanto, esse parceiro, enquanto meio de gozo, aparece na fantasia, na expectativa de que o parceiro essencial possa existir:

Na verdade, o parceiro meio de gozo é o que aparece na fantasia. A teoria da fantasia sustenta que o parceiro essencial é o parceiro fantasístico, este que é escrito por Lacan em sua fórmula da fantasia no lugar do objeto *a*. O status essencial do parceiro no nível do gozo é ser o objeto *a* da fantasia. (MILLER, 2000, p.193).

No Seminário *El partenaire-sintoma*, Miller (2008) afirma que, diferentemente do que acontece do lado do masculino no qual o parceiro-sintoma se relaciona com o *a*, do lado feminino ele busca se relacionar com o Outro, permanecendo em aberto, porque os falasseres não têm garantia alguma de acesso ao Outro sexuado. Nesse sentido, o autor sinaliza a impossibilidade de acesso ao Outro e a possibilidade de acesso ao *a* enquanto objeto das pulsões parciais, uma vez que não há a relação sexual. Por isso, não se pode estabelecer um laço na relação sexual com o Outro, de modo que a única via que resta para se relacionar com o Outro é o amor.

#### 4.2 Falar amar e gozar

Ao discorrer acerca do parceiro do falasser feminino, Miller (2015) considera a existência de dois axiomas. O primeiro deles refere-se à ideia de que, para amar, é preciso falar, pois, se amar é dar aquilo que não se tem, então, só é possível dar a falta-a-ser que aparece através da fala. O segundo axioma apontado por Miller (2015) diz respeito à noção de que, para gozar, é preciso amar, e uma mulher goza a partir da fala. Por isso, é possível falar de amor, mas não só disso. Lacan sintetiza em *Deus e o Gozo da Mulher*, lição VI do Seminário 20, que há uma satisfação na fala:

[...] chamei de *uma outra satisfação*, a satisfação da fala. Uma outra satisfação, é aquele que corresponde ao gozo que seria justo, justo para que aquilo se passe entre o que abreviarei chamando-os homem e mulher. Quer dizer, aquela que corresponde ao gozo fálico. (LACAN, 1972-73/2008, p. 70).

Uma mulher, portanto, toma como seu parceiro-sintoma o  $A$  e demanda que o parceiro “seja aquele ao qual falte alguma coisa, e que essa falta possa fazê-lo falar” (EULÁLIO, 2018, p. 109). Ela tem como sua condição de gozo um objeto erotômico que fale e que a ame. Nessa perspectiva, o gozo feminino, ao se colocar como um gozo que fala e que se dirige ao  $S(A)$ , exige que o seu objeto lhe fale. Assim, uma mulher demanda do parceiro que ele a ame e seja capaz de falar sobre isso.

Portanto, na parceria feminina, é preciso que o Outro lhe falte, pois ela se relaciona com o  $S(A)$ . É como se essa falta pudesse fazê-la falar. Desse modo, um falasser posicionado do lado feminino tem como condição para o seu gozo um objeto erotômico que lhe fale e que lhe ame. Por isso, o gozo feminino é um gozo que não se limita apenas ao gozo fálico, é um gozo da falta, uma vez que se dirige ao  $S(A)$ , que se manifesta no não-todo, pois o Todo não está formado e não faz Um (EULÁLIO, 2018).

Ao situar a relação que se estabelece com o  $S(A)$  e com o falo, em *O Seminário, Livro 23*, intitulado *o sintoma*, Lacan (1975-76/2007) aponta que a castração não é a fantasia. O que está mais próximo da fantasia é o  $\Phi$ , algo do inconsciente. O  $S$  de  $A$  barrado, por sua vez, demonstra que não há o Outro do inconsciente e que assim uma mulher não pode se relacionar com esse Outro, pois ele não existe. Logo, o falasser feminino se relaciona tanto com o falo, quanto com esse significante da falta no Outro.

É aí que vemos claramente que a castração não é fantasia. [...] Por isso, retorno com o meu grande  $\Phi$  que pode igualmente ser a primeira letra da palavra *fantasia*. [...] levei-me contra a substituição desse  $\Phi$  pelo significante ao qual não pude dar outro suporte senão uma letra complicada da notação matemática, a saber,  $S(A)$ .  $S$  de  $A$  barrado é uma coisa bem diferente de  $\Phi$ . [...] O grande  $A$  é barrado porque não há Outro – não aí onde há suplência, a saber o Outro como lugar do inconsciente, esse quem eu disse que é com isso que o homem faz amor, em outro sentido da palavra *com* e que é o parceiro – o grande  $A$  é barrado porque não há Outro do Outro. (LACAN, 1975-76/2007, p. 123).

Dessa forma, ao se dirigir a esse Outro que não existe, uma mulher se torna Outro para ela mesma. Isso acontece porque o gozo feminino é um gozo que não está fora-do-corpo, ele se produz no corpo, em um corpo que não é Todo, mas não-todo: “o que manifesta é o próprio corpo feminino que, no gozo, é outrificado” (MILLER, 2015, p. 92), fazendo seu corpo tornar-se Outro para o falasser feminino.

Segundo essa perspectiva, há um caráter ilimitado e aparentemente infinito, no nível do significante, que caracteriza a demanda de amor. Portanto, o que se apresenta no gozo e, concomitantemente, no corpo do falasser feminino é a demanda absoluta de amor. É preciso

que o outro a ame, mas tal exigência acaba por revelar que a demanda de amor erotômana pode retornar para uma mulher sob a forma de devastação.

#### 4.3 O parceiro-devastação

Ao situar que uma mulher é não-toda, uma vez que ela se divide entre o gozo fálico e o Outro gozo, Miller (2015) aponta que o falasser que se dirige ao parceiro, e o faz a partir de sua demanda de amor. Assim, devido ao caráter não-todo de uma mulher, o parceiro pode se tornar um parceiro-devastação. A devastação é o outro lado do amor, de modo que se constitui como aquilo que retorna, quando há uma demanda de amor potencialmente infinita. Uma mulher não-toda demanda amor ao S(A) e o que regressa é a devastação.

A palavra *ravage* em francês (que na língua portuguesa se traduz como devastação), está relacionada à ruína e destruição. Segundo Miller (2015), “na palavra *ravage* (devastação) há *ravie* (deslumbrar), a mesma raiz da palavra *ravissement* (deslumbramento)” (MILLER, 2015, p. 99). Ademais, devastação é um termo derivado de *ravir* (arrebatar), que se refere a um corpo arrebatado, que pode ser tomado por uma força superior. Assim, a devastação está diretamente ligada ao arrebatamento, uma vez que há algo do corpo que se prende a isso: “O arrebatamento é [...] uma perda corporal não simbolizável pelo significante fálico, uma não redução das imagens cativantes à imagem central do corpo, uma não inscrição do corpo no desejo do Outro” (BROUSSE, 2004, p. 65).

Nessa perspectiva, o falasser pode se perder nesse gozo feminino e não extrair consistência do falo na medida em que há uma impossibilidade de a identificação narcísica tamponar o real do corpo. Em função disso, o falasser feminino pode experimentar um sentimento de falta de identidade, incompletude e fragmentação corporal, que, através do gozo feminino puro, não permite a fixação em seu próprio corpo. Por isso, o parceiro pode adquirir caráter de devastação ou de deslumbramento para uma mulher. Sendo assim, quando o gozo feminino se apresenta de forma infinita e arrebatadora, uma mulher irá vivenciar a predominância da erotomania em sua forma de amar: “um amor sem limites, insaciável, em que a mulher quer ter a certeza de ser amada” (EULÁLIO, 2018, p. 109). Portanto, há uma diferença entre o sintoma do lado masculino e o sintoma do lado feminino, à medida em que o sintoma tem algo de localizado, ao passo que o sintoma devastação diz daquilo que não tem limites, como aponta Miller:

O sintoma tem qualquer coisa de localizado, algo de elementar, algo que podemos fazer sintomatologias, porque os sintomas, podem identificá-los, podemos cingi-los, podemos reduzi-los a um, podemos contá-los, classificá-los, podemos fazer um quadro dos sintomas, enquanto que o sintoma, do lado feminino, é marcado pelo infinito da estrutura do Não-*Todo*. E é por isso que, deste lado, ele toma a forma da devastação. (MILLER, 2015, p. 99).

Ao se referir ao amor do ser falante que se situa do lado feminino da tábua da sexuação, Miller (2008) afirma que cabe a ele um amor louco, sem limites, que, de acordo com a definição lacaniana, é “dar aquilo que não se tem” (LACAN, 1960-61/1992, p. 41). Portanto, está para além do ter. Assim, do lado mulher, o desejo perpassa pela via do amor, que pode ser devastador. O que Lacan (1975-76/2007) aponta é que uma mulher é sintoma para todo homem, mas que disso não se pode fazer uma equivalência:

Permito-me dizer que o *sinthoma* é, muito precisamente, o sexo ao qual não pertencço, isto é, uma mulher. Se uma mulher é um *sinthoma* para todo homem, fica absolutamente claro que há necessidade de encontrar um outro nome para o que o homem é para uma mulher, posto que o *sinthoma* se caracteriza justamente pela não-equivalência. Pode-se dizer que o homem é para uma mulher tudo o que quiserem, a saber, uma aflição pior que um *sinthoma*. Vocês podem inclusive articular isso como lhe for conveniente. Trata-se mesmo de uma devastação. [...] Não haver equivalência é a única coisa, o único reduto no qual se suporta o que chamamos de relação sexual no falasser, no ser humano. (LACAN, 1975-76/2007, p.98).

Nesse sentido, o que está em jogo na parceria que uma mulher faz com o  $S(A)$  é a questão da ausência de sem limites da sua erotomania. Isso acontece porque ela não busca o objeto *a* no Outro, assim como o falasser masculino. Ela segue pela via do amor. Portanto, para ela se relacionar com o parceiro, ela se coloca como objeto escolhido pelo Outro. Assim, o papel da sexualidade feminina não se compara à masculina, uma vez que se caracteriza por essa demanda de amor erotomaniaca: “A demanda de amor comporta um caráter absoluto e uma visada ao infinito, o *Todo* não faz *Um*” (EULÁLIO, 2018, p. 109).

É na impossibilidade de ser *A* mulher que uma mulher se dispõe a fazer semblante de objeto *a* para o Outro, como causa de seu desejo, na tentativa de fazer a ascensão do seu gozo suplementar em relação ao falo. Assim, há um conector para que “a mulher se torne essa Outra para ela mesma, como é para ele” (LACAN, 1958/1998, p. 741), fazendo assim uma separação entre *a* e  $S(A)$ . É por isso que de um lado há o *Um*, ao passo que do outro lado há a alteridade, o Outro, o que faz com que uma mulher seja Outro para ela mesma.

Se por um lado, o lado masculino requer o mais-de-gozar, e tem um objeto como causa de seu desejo, por outro, o que causa o desejo de uma mulher perpassa pelo amor, condição na qual não há um objeto específico, mas sim um objeto que não se tem. Dessa forma, para uma

mulher esse Outro do amor acaba por ser desprovido daquilo que ele fornece. Por isso, esse amor é sem limites, uma vez que está para além do ter, considerando o amor como dar o que não se tem. A devastação e o amor têm o mesmo princípio, à medida em que se dirigem ao  $A$ , ao não-todo e sem limites (MILLER, 2015).

Diante desse contexto, o que devasta uma mulher é o caráter do seu amor infinito. Não se trata do amor que ela demanda, mas da própria demanda de amor em si, pois, quando se demanda amor, isso está ligado à uma falta, logo, ao  $S(A)$ . Assim, é possível apresentar “a devastação como outra face do amor” (MILLER, 2015, p. 99), uma enfatização da demanda de amor. “Não se trata tanto do sofrimento, do prejuízo ou da perda que sofre o sujeito, o que sobressai na devastação é o traço de infinito que pode se direcionar tanto para o melhor quanto para o pior” (EULÁLIO, 2018, p. 113). Portanto, a devastação pode representar ruína e destruição. Em contrapartida, em termos místicos, pode retratar estados de êxtase, como ser transportado a um estado de felicidade suprema, no qual o falasser pode ser lançado para outro tempo e experimenta uma sensação de estar “despossuído” do próprio corpo.

Conforme mencionado, o parceiro-devastação de uma mulher pode se direcionar para melhor, ou seja, em sua face do *ravie* (deslumbrar), na qual o Outro lhe proporciona uma fascinação, um deslumbramento e uma enorme felicidade. Ademais, é preciso destacar a possibilidade do caráter de infinitude que acontece no sentido do arrebatador (*ravir*), para o pior, pois o amor incorpora o ilimitado do gozo feminino. Assim, o  $S(A)$  desenvolve uma relação direta com o significante da falta no Outro, que revela o amor em sua face erotomaníaca e se apresenta como devastação (EULÁLIO, 2018).

Diante do que foi exposto, destaca-se que o sintoma é sempre algo limitado, ligado a um sofrimento localizado e que a devastação se apresenta simétrica ao sintoma, por ser a outra face do amor: “A devastação e o amor possuem o mesmo princípio, a saber, o grande  $A$  barrado, o não-todo, no sentido do sem limite” (MILLER, 1998, p. 17). Contudo, a devastação não deixa de ser um sintoma, uma vez que utiliza do Outro como meio de gozo, demonstrando que toda relação entre os seres falantes é sintomática. Vejamos:

Para uma mulher, o amor comporta um imperativo de que o Outro a ame. Lhe diga o significante do seu ser. Um homem pode se inscrever como devastação para uma mulher a partir do que se revela para ela como engano do amor, na medida em que ele não dispõe de um aparato significativo que dê substância de seu ser. É também o que sua mãe não pode lhe dar, ou seja, transmissão de um saber articulado sobre a feminilidade. Este princípio de inacessibilidade que caracteriza o lado feminino não permite que a demanda cesse, pelo contrário, tal como Lacan demonstrou, a demanda sempre pede mais e mais, ainda mais. (EULÁLIO, 2018, p. 114).

Por fim, é possível sintetizar que o parceiro-sintoma de uma mulher pode se tornar parceiro-devastação quando o amor perpassa pela vertente do gozo feminino não-todo. Em função disso, uma mulher se dirige, ilimitada e incessantemente, ao significante da falta no Outro, revelando o amor em seu caráter erotômico, capaz de fazer dessa parceria melhor ou pior.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo geral desse artigo foi compreender as posições elaboradas pela psicanálise relativas ao parceiro-sintoma de uma mulher bem como sua relação com o gozo feminino, a partir das contribuições de Lacan e de Miller. O caminho percorrido partiu das fórmulas de sexualização propostas por Lacan (1972-73/2008) acerca da sexualidade dos seres falantes em relação à partilha dos sexos. Assim, a partir da leitura da tábua foi possível elucidar o gozo fálico, cujo significante principal é o Um e o gozo feminino, cujo significante é o Outro, um gozo diferente.

A partir desse ponto, foi trabalhado o gozo fálico como um gozo sexual, isto é, enquanto uma falta-a-ser, submetida inteiramente à função fálica, que se apresenta por uma parte do órgão genital. Com isso, verificamos que um ser falante situado do lado esquerdo da tábua está inteiramente submetido à castração, não podendo se relacionar com o Outro como tal. A outra modalidade de gozo estudada, o gozo feminino, diz respeito a um gozo suplementar ao fálico. Compreende-se que se o gozo fálico é todo, o gozo feminino é não-todo submetido à lógica da castração.

Considerando tal perspectiva, foi abordado o que Lacan propõe acerca da sexualidade feminina a partir do seu aforismo “Não há A mulher” (LACAN, 1972-73/2008, p. 79). Com isso, o autor demonstra que não se pode afirmar nada de universal sobre o feminino, de modo que esse gozo Outro está para além do gozo fálico e que algumas mulheres, não-todas, não conseguem explicá-lo. O falasser que goza desse gozo diferente experimenta um gozo fora-da-linguagem, pois é um Outro gozo, suplementar, que aparece a partir da castração.

Apresentamos então que uma mulher tem relação com um Outro, o significante desse Outro, um Outro barrado, como Lacan (1972-73/2008) propôs, o  $S(A)$ , isto é, o significante da falta no Outro. Dessa forma, foi possível compreender que uma mulher tem relação com o  $S(A)$  e é por isso que ela se duplica, que ela é não-toda, já que se relaciona também com o falo. Sendo assim, foi demonstrado que, na tábua, há  $A$  mulher barrada que se direciona ao  $S(A)$  e ao falo.

Se uma mulher se duplica e tem uma ambiguidade sobre no estatuto do Outro, não se pode dizer tudo sobre uma mulher, tampouco gozar do corpo de uma mulher.

Foi possível, ainda, abordar que a relação sexual se apresenta como impossível, uma vez que não se pode gozar do corpo do Outro. Por isso, “a relação sexual é aquilo que não para de não se escrever” (LACAN, 1972-73/2008, p. 11), é a partir disso que ela se torna inevitável. Nesse sentido, considerando que não há relação sexual, constatamos que o falasser, que se coloca do lado masculino, se relaciona com a fantasia, na expectativa de que um outro o complementaria. Em contrapartida, o que se posiciona no lado feminino, se divide, ao se relacionar com o  $S(\mathcal{A})$  e com o falo.

Em síntese, se não há  $A$  mulher, tampouco há a relação sexual. O que há de encontro entre os parceiros é o sintoma. Dessa forma, foi possível discorrer acerca do conceito proposto por Miller (2015): *Partenaire-sintoma*, o parceiro-sintoma, uma vez que o parceiro se funda enquanto gozo e não a partir de um significante sexual. Tal relação de parceria supõe que o Outro se torne o seu meio de gozo, diante da impossibilidade de se gozar do corpo do Outro. Por isso, o gozo feminino não se limita ao gozo fálico, mas a um gozo da falta, à medida em se dirige ao  $S(\mathcal{A})$ .

Contudo, ao se dirigir ao  $S(\mathcal{A})$ , uma mulher experimenta uma demanda de amor infinita, devido ao caráter não-todo da vertente erotomaniaca. Assim, tendo em vista o que Miller nos permitiu compreender, observamos que a demanda de amor pode retornar sob a forma de devastação. Quando isso acontece, fala-se do parceiro-devastação, que faz com que uma mulher não-toda demande sem sucesso amor ao  $S(\mathcal{A})$ , uma vez que a devastação é a outra face do amor. Dessa forma, ao buscar o significante de falta no Outro, quando o amor perpassa pela vertente do gozo feminino, o parceiro-sintoma pode se tornar parceiro-devastação.

Em síntese, foi possível concluir, a partir das fórmulas de sexualização, que as posições subjetivas, feminina e masculina, através do gozo fálico e do gozo feminino, representam uma tentativa do ser falante de lidar com a não-relação sexual. Desse modo, os falasseres buscam, no Outro, ou melhor, nos sintomas, uma parceria possível como uma saída ao que não cessa de não se escrever. Ademais, uma mulher busca no amor a suplência ao furo da não-relação e que a devastação é uma das possíveis formas de retorno devido à demanda de amor endereçada ao significante da falta no Outro.

## REFERÊNCIAS

BRODSKY, Graciela. Entre o sintoma e a devastação. **Entrevários** – Revista de Psicanálise e Saúde Mental, São Paulo, n. 2, p. 57 – 79, abr. 2008.

BROUSSE, Marie-Hélène. O que é uma mulher? Entrevista concedida a Annick Passelande. **Latusa Digital**, Rio de Janeiro, ano 9, n. 9, jun. 2012. Disponível em: [http://www.latusa.com.br/pdf\\_latusa\\_digital\\_49\\_a1.pdf](http://www.latusa.com.br/pdf_latusa_digital_49_a1.pdf). Acesso em: 3 ago. 2020.

BROUSSE, Marie-Hélène. Uma dificuldade na análise com as mulheres: a devastação com a mãe. **Revista da Escola Brasileira de Psicanálise**, Rio de Janeiro, n. 9, p. 57–67, 2004.

EULÁLIO, Andréa. **Amores Loucos: A devastação materna e nas parcerias amorosas**. Belo Horizonte: Artesã. 2018.

LACAN, Jacques. Diretrizes para um Congresso sobre a sexualidade feminina (1996). *In*: LACAN, Jacques. **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998. p. 734 - 745.

LACAN, Jacques. O Aturdido (1972). *In*: LACAN, Jacques. **Outros Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003. p. 448-497.

LACAN, Jacques. Televisão, *In*: LACAN, Jacques. **Outro Escritos** (1972). Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003. p. 508 - 543.

LACAN, Jacques. **O Seminário, livro 06: o desejo e sua interpretação** (1958-59). Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2016.

LACAN, Jacques. **O Seminário, livro 08: a transferência** (1960-61). Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1991.

LACAN, Jacques. **O Seminário, livro 18: de um discurso que não fosse semblante** (1971). Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009.

LACAN, Jacques. **O Seminário, livro 19: ou... pior** (1971-72). Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2012.

LACAN, Jacques. **O Seminário, livro 20: mais, ainda** (1972-73). Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

LACAN, Jacques. **O Seminário, livro 23: o sintoma** (1975-76). Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.

MILLER, Jacques-Alain. As duas formas do parceiro-sintoma, *In*: MILLER, Jacques-Alain . **O osso de uma análise: mais o inconsciente e o corpo falante**. Rio de Janeiro: Zahar, 2015. p. 77-102.

MILLER, Jacques-Alain. **A lógica da direção da cura psicanalítica**. Belo Horizonte: Seção Minas Gerais da Escola Brasileira de Psicanálise do Campo Freudiano, 1994.

MILLER, Jacques-Alain. **El partenaire-síntoma**: los cursos psicoanalíticos de Jacques-Alain Miller. Buenos Aires: Paidós, 2008.

MILLER, Jacques-Alain. Os seis paradigmas do gozo. **Opção Lacaniana online nova série**. Paris, ano 3, n. 7, p. 1-49, 2012. Disponível em: [http://opcaolacaniana.com.br/pdf/numero\\_7/Os\\_seis\\_paradigmas\\_do\\_gozo.pdf](http://opcaolacaniana.com.br/pdf/numero_7/Os_seis_paradigmas_do_gozo.pdf). Acesso em: 4 ago. 2020.

MILLER, Jacques-Alain. Uma conversa sobre o amor. **Opção Lacaniana online nova série**, Buenos Aires, ano 1, n. 2, 2010. Disponível em: [http://www.opcaolacaniana.com.br/pdf/numero\\_2/Uma\\_conversa\\_sobre\\_o\\_amor.pdf](http://www.opcaolacaniana.com.br/pdf/numero_2/Uma_conversa_sobre_o_amor.pdf). Acesso em: 5 set. 2020.

SOLER, Colette. **O que Lacan dizia das mulheres**. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.